

AS RELAÇÕES DE PODER PRESENTES NO CURRÍCULO ESCOLAR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ (SC)

Claudia Vidaletti Matos Neves
clvidaletti@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta dados preliminares de uma pesquisa em andamento que está sendo desenvolvida no mestrado acadêmico em educação na Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Pretende-se mapear as relações de poder presentes no currículo escolar e identificar que papel o professor vem tendo no processo de revisão do currículo escolar das séries iniciais do ensino fundamental do município de Itajaí (SC).

Para Silva (2005) O currículo é sempre resultado de uma seleção e selecionar é uma operação de poder. Cada teoria curricular vai selecionar quais conhecimentos serão válidos ou não e justificar a escolha a partir de duas questões centrais “o quê” deve ser ensinado e “o que eles ou elas devem se tornar”.

Todo currículo implica na produção de identidades que atenderão ou não ao arranjo social existente. Com base nisso, pode-se afirmar que:

Diferentes currículos produzem diferentes pessoas, mas naturalmente essas diferenças não são meras diferenças individuais, mas diferenças sociais, ligadas à classe, à raça, ao gênero. Dessa forma, uma história do currículo não deve estar focalizada apenas no currículo em si, mas também no currículo enquanto fator de produção de sujeitos dotados de classe, raça, gênero. Nessa perspectiva, o currículo deve ser visto não apenas como a *expressão* ou a *representação* ou o *reflexo* de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades e subjetividades sociais determinadas. O currículo não apenas *representa*, ele *faz*. É preciso reconhecer que a inclusão ou exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão *na sociedade*. (GOODSON, 1998, p.10)

O currículo é o núcleo do processo pedagógico. Orienta o projeto pedagógico, o planejamento docente, a prática pedagógica, a metodologia, a avaliação, as relações e também as políticas públicas.

Para Silva (2005, p.148), “o conhecimento corporificado no currículo carrega as marcas indeléveis das relações sociais de poder. (...) O currículo tem um papel decisivo na reprodução de classes da sociedade capitalista. O currículo transmite a ideologia dominante”.

De acordo com Foucault as relações de poder se alastram por toda a estrutura social, nada está isento de poder dessa forma não é possível escapar dessas relações, mas é possível resistir ao seu exercício.

Foucault chamou de poder disciplinar ou de disciplina um tipo específico de poder, de controle que sujeita e torna o corpo útil e encontra-se em diversas instituições como a escola, hospitais, prisões, fábrica, o exército, enfim, a disciplina fabrica corpos “dóceis”. Para Foucault (2012, p. 132), “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

O poder disciplinar, “fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista. O corpo só se torna força de trabalho quando trabalhado pelo sistema político de dominação característico do poder disciplinar: que se faz pela organização do espaço, controle do tempo e a vigilância. Ao

mesmo tempo em que a disciplina exerce um poder, produz um saber”. (MACHADO, 1979).

Pelo exposto, é possível entender o porquê dessa disputa por quem vai decidir o que fará parte ou não do currículo. Não é de maneira desinteressada, que a participação dos professores na construção/revisão curricular, seja dificultada, indesejada, negligenciada. Afinal ela pode se constituir em:

assumir sua identidade como trabalhadoras/res culturais envolvidas/os na produção de uma memória histórica e de sujeitos sociais que criam e recriam o espaço e a vida sociais. O campo educacional é centralmente cruzado por relações que conectam poder e cultura, pedagogia e política, memória e história. Precisamente por isso é um espaço permanentemente atravessado por lutas e disputas por hegemonia. Não assumir nosso lugar e responsabilidade nesse espaço significa entregá-lo a forças que certamente irão moldá-lo de acordo com seus próprios objetivos e esses objetivos podem não ser exatamente os objetivos de justiça, igualdade e um futuro melhor para todos. (SILVA, 1995, p. 28-29)

Mas será que o professor sabe do seu poder de influência na definição do currículo? Se souber, será que ele quer entrar nessa arena contestada?

Cenário da pesquisa e procedimentos de coleta e análise

Essa pesquisa foi realizada com os professores da rede municipal que atuam nas cinco séries iniciais do ensino fundamental (1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano referente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental).

Esta foi realizada em três dias no mês de julho de 2013, enquanto os alunos da Rede Municipal de Ensino estavam em período de férias e os professores participavam de formação continuada, prevista no calendário escolar.

Optou-se pelo questionário sócio-demográfico a fim de caracterizar os sujeitos da pesquisa e entrevista semi-estruturada, a fim de obter respostas uniformes em curto espaço de tempo com um grupo maior de pessoas; e permitisse a comparação. No total foram 60 questionários e entrevistas respondidas. Desse total algumas perguntas foram deixadas em branco.

Dos sujeitos da pesquisa

A pesquisa levantou dados sobre o perfil sócio demográfico e profissional dos professores desse segmento escolar. Os dados foram coletados a partir da aplicação de um questionário com indicadores (sexo - idade – experiência na docência – estado civil - formação acadêmica naturalidade – cidade que reside - situação funcional).

Tomando como base a quantidade de questionários respondidos o que se observa é que há preponderância de docentes do sexo feminino, com idade média entre 30 a 45 anos, enquanto os outros docentes se distribuem de maneira bastante equitativa dentro de outras faixas. Relacionado à experiência na docência, um terço está na faixa entre cinco e dez anos. As professoras declaram-se, em sua maioria, casadas e com famílias relativamente pequenas. Do ponto de vista profissional mais de dois terços já realizaram estudos de pós-graduação no nível lato sensu - especialização. Ficou evidenciado que quanto à situação funcional (contratados e efetivos) esta é bem equilibrada, os números foram bem próximos. É predominante o número de professoras que trabalham no mesmo município que moram, sendo que mais de um terço do total de entrevistadas é também natural desse município, e o restante reside nos municípios vizinhos.

Apresentação e discussão dos dados

Após sucessivas leituras das entrevistas, foram identificadas, expressões e considerações que se configuraram como pontos significativos. Para análise utilizou-se eixos de significância. É importante salientar que nas falas trazidas no texto, ao lado consta a letra P (Professor) e um número para identificação no universo de 60 entrevistados (ex: P₁, P₂, P₃, etc). Partiu-se da unidade de categoria *relações de poder no currículo escolar* como categoria mais ampla, e relacionada a ela eixos de significância, a saber: *currículo, planejamento, prática pedagógica, e documentos oficiais (nacional e municipal)*.

Currículo

Para muitos o entendimento de currículo escolar ainda é um entendimento restrito de currículo, próxima do conceito de *programa*, *grade curricular*, ou de *listagem dos conteúdos*, pode visualizar nos extratos dos professores abaixo:

Pesquisadora: O que você entende por currículo escolar?

P₃₈: Grade de conteúdos a serem trabalhados/ P₄₀: Onde se define os objetivos e metas dos conteúdos a serem aplicados/ P₄₁: Conjunto organizado de conteúdos e ações que norteiam o ensino da escola/ P₅₇: O conteúdo a ser trabalhado durante o ano.

Planejamento

Algumas das dificuldades enfrentadas cotidianamente pelos entrevistados estão relacionadas com a execução do seu trabalho em sala, mas extrapolam o referido universo, como é possível observar abaixo:

Pesquisadora: Quais as dificuldades percebidas por você na construção de seu planejamento?

P₁₀: Estar articulando os conteúdos determinado no plano anual com as necessidades da turma/ P₄₁: Alguns conteúdos desnecessários fazerem parte do currículo/ P₅: Material pedagógico, espaço em sala-quantidade de alunos, livros/ P₃₃: Ter um momento p/fazer essa construção em conjunto com colegas do mesmo ano, tirar dúvidas, compartilhar ideias/ P₁₄: O acompanhamento da família na escola que não existe em comunidades carentes.

Pesquisadora: Como você seleciona os conteúdos, metodologia, etc., a forma de trabalhar com seus alunos?

P₃₄: Uso a matriz proposta pelo município/ P₄₇: Eleito conforme a grade da rede. Vejo o que realmente é necessário conforme minha comunidade/ P₂₇: Trabalho com as matrizes de habilidades e conteúdos programáticos. A partir do momento que conheço a turma, vou fazendo uma seleção das habilidades ainda ã desenvolvidas. Contextualizando os temas às vivências em grupo.

Prática pedagógica

Entre os entrevistados 78,3% declararam que utilizam os documentos oficiais nacionais para embasar a prática pedagógica e 83,3% que utilizam também os documentos oficiais municipais. Mas quando questionados se percebiam diferença entre o currículo escolar prescrito e a prática que se faz dele 86,6% responderam afirmativamente.

A partir disso fica evidente que há um distanciamento entre o currículo prescrito e o currículo em ação.

Documentos oficiais (nacional e municipal):

Pesquisadora: Você tem conhecimento de todos os documentos que orientam os Anos Iniciais do ensino fundamental incluindo os municipais? Liste

Dos entrevistados, 26,6% optou por não responder e 21,6% negou ter conhecimento. Entre as respostas selecionadas estão alguns mais antigos e outros que não são documentos que orientam os anos iniciais do ensino fundamental.

P₂: Matriz curricular, projetos de Mestrado, livros do Mec, e reportagens sobre alfabetização e infância/ P₁₅: Não/ P₂₀: Parâmetros Curriculares, LDB, Lei orgânica, Constituição, decretos Mec (alguns)/ P₂₉: Geralmente me auxilio com os PCNs (tenho o antigo) e os documentos como currículos e diretrizes (tenho o antigo de Santa Catarina).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa ainda está em desenvolvimento e até o presente momento averiguou-se, apoiando-se, nas entrevistas como o currículo escolar ainda é entendido. Através da ênfase em conceitos que foram utilizados para definir o currículo escolar é possível identificar a qual teoria curricular estão vinculados.

Quando se adota um posicionamento pedagógico vinculado a uma teoria, a uma tendência pedagógica, esta determina as concepções de homem/mulher, de sociedade,

de escola, de educação e assim, determinam a prática pedagógica, o planejamento docente, a metodologia e a avaliação. Não há como negar esta dimensão, pois nenhuma teoria curricular é neutra.

Na medida em que a escola foi e continua sendo a principal instituição envolvida com a produção do sujeito, está colocada a razão pela qual se pode estudar o currículo escolar, na ótica de Foucault.

Ter ideia de como as relações de poder exercem seu funcionamento em toda a estrutura social e conhecer sobre os fundamentos teóricos e históricos dos processos de elaboração de currículo é importante para compreender a retórica política e ideológica que o cerca e pode se constituir em um equalizador nas negociações relativas às tomadas de decisão sobre o saber escolar.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*/ Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª Ed. 1998.

SACRISTÁN J. G.; PÉREZ GÓMEZ A. I. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Currículo como fetiche: a poética e política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.